

## RESSURGIMENTO DA LÍNGUA HEBRAICA E SUAS IMPLICAÇÕES CULTURAIS<sup>1</sup>

*Eliana Rosa Langer\**

**Resumo:** *O ressurgimento da língua hebraica foi um fenômeno interessante ocorrido com um idioma depois do mesmo ter-se exilado de seu país de origem juntamente com o povo que o falava. O hebraico permaneceu silencioso durante um período muito longo, porém não se extinguiu. A volta do referido idioma como língua nacional dos judeus, teve implicações culturais, sem as quais tal fato não teria ocorrido. O hebraico falado atualmente, é resultado de um grandioso trabalho executado por um grupo de pessoas que ao reimplantar o hebraico cuidou para que o idioma partisse das fontes escritas. Este artigo procura relatar um pouco deste trabalho.*

**Palavras-chave:** *língua e cultura, língua e nação.*

O hebraico é uma língua muito antiga que tem suas origens na família das línguas semíticas. Nossos antepassados usavam-na no seu cotidiano, bem como em conversas sobre assuntos sagrados, em profecias e também na exposição de sua sabedoria. O hebraico é o idioma do povo hebreu, foi o idioma utilizado na época bíblica e no qual a Bíblia foi escrita.

O povo continuou utilizando o hebraico como língua falada até ser expulso de sua terra no ano 70 da E.C., período do Exílio da Babilônia, quando os judeus passaram a viver dispersos pelo mundo. Os judeus que viviam na Babilônia falavam o aramaico, aqueles que viviam no Egito falavam o grego, e aqueles que viviam em algumas regiões da Palestina falavam o aramaico e o grego. A língua falada pelos judeus passou a ser a língua oficial dos lugares por onde foram passando e se fixando. Porém, apesar de dispersos o povo manteve sua identidade judaica através da conservação de sua cultura e tradição.

---

\* A autora é Prof<sup>ª</sup>. Assistente do Departamento de Línguas Orientais da FFLCH/USP.

<sup>1</sup> Aula ministrada no dia 15 de outubro dentro do curso de difusão cultural do DLO "As relações entre língua e cultura no oriente".

Os judeus apesar de terem deixado de utilizar o hebraico como a língua de seu cotidiano para adotar idiomas diversos, jamais abandonaram por completo o idioma de seus antepassados, continuaram a ler e a escrever no referido idioma. Durante aproximadamente 1.700 anos, o hebraico permaneceu presente na vida de todo judeu mas não como língua de uso diário. O hebraico manteve-se através dos estudos bíblicos, das orações e criações literárias, livros de viagem e obras históricas, sendo que uma vasta literatura foi se acumulando durante tal período. Em alguns países os judeus chegaram a manter a tradição de escrever cartas e documentos particulares na língua de seus ancestrais.

O bilinguismo e mesmo o trilingüismo, é uma característica do povo judeu que ao espalhar-se pelos quatro cantos do mundo passou a usar a língua local para o seu cotidiano, e o hebraico como um elemento de manutenção de sua tradição religiosa, filosófica enfim cultural. Podemos falar em bilingüismo ainda no período bíblico, quando o aramaico era utilizado como língua diplomática. Em Reis 2 cap. 18, vers.26, temos a narração de um episódio em que um rei assírio envia uma comitiva ao rei de Israel e esta comitiva pede para que se fale o aramaico pois a língua dos judeus não era por eles compreendida.

O aramaico persistiu como língua falada pelos judeus até o séc.VIII com as conquistas árabes. Alguns capítulos do livro de Daniel e do livro de Ezra foram escritos em aramaico bem como uma grande parte do Talmude<sup>2</sup>. Temos ainda uma tradução aramaica da bíblia e algumas orações que são recitadas, ainda atualmente em aramaico. A língua árabe, a partir do séc. VIII foi substituindo o idioma aramaico, através de conquistas territoriais.

O grego penetrou no oriente ainda no séc. IV A.C. como segunda língua, com a expansão do helenismo. Judeus de Alexandria e da grécia falavam grego, assim como aqueles ricos intelectuais da palestina que haviam se helenizado. A literatura judaica helenística inclui a tradução bíblica, “A Septuaginta”, que data do séc.III A.C.

Nos meados da idade média, temos o árabe judaico proveniente do árabe, o iídiche proveniente do alemão e o ladino proveniente do dialeto

---

<sup>2</sup> Talmude é o código básico da lei civil e canônica do judaísmo pós-bíblico.

castelhano dos espanhóis que imigraram para os países mediterrâneos: a Turquia, os Balcãs, Israel e África do norte. Tais idiomas são falados pelos judeus até nossos dias, eram as línguas dos locais onde viviam, porém estes idiomas eram representados graficamente em caracteres hebraicos e recheados de palavras e expressões emprestadas do âmbito religioso, familiar, da literatura bíblica e rabínica: espiação (kapará) הרפכ, sábado (shabat) תבש, arrependimento (teshuvá) הברשת, justo (tsadik) קידצ, dia festivo (yom tov) בוט סוי.

O árabe judaico é falado atualmente pelos judeus provenientes do Iêmen, dos países árabes, da África do norte, do Iraque, da Síria e do Líbano. O ladino nos legou uma grande produção literária a partir do séc. XV. O iídiche fundamenta-se principalmente no vocabulário alemão, no românico, no hebraico e aramaico, eslavo e ultimamente temos influências do inglês, do espanhol e etc.

O iídiche teve seu início por volta dos séc. X-XI com as comunidades do Reno, e com a imigração do povo, em função das ameaças de extermínio, para terras eslavas, onde o iídiche recebeu influências. O número de falantes chegou a aproximadamente dez milhões, antes do holocausto. Uma vasta literatura foi escrita neste idioma e o escritor Bachevis Singer recebeu o prêmio Nobel de literatura por sua obra em língua iídiche.

Atualmente porém, o idioma está desaparecendo. A guerra mundial e o holocausto exterminaram uma multidão de falantes, o governo soviético coibiu o desenvolvimento do iídiche e na América do Norte e do Sul sua coibição vem por parte da língua inglesa e de outras línguas faladas pelos judeus dentre elas o próprio hebraico.

Na Idade Média, a língua ainda não era considerada um atributo de nacionalidade. Os povos Europeus já lutavam por uma independência nacional a qual incluía o direito de usar sua língua nacional em assuntos públicos e governamentais, e os judeus ainda não se consideravam uma nação como as outras. Produziam uma literatura ocidentalizada em língua hebraica, porém não aspiravam uma função oficial para tal língua.

Eliezer Ben Yehuda – Nascido em 1856 na Lituânia, foi quem encabeçou o movimento para o ressurgimento do hebraico falado. Imigrou para

Israel em 1881 e ainda na Europa concebera a idéia de nacionalidade judaica que teria o hebraico como seu idioma oficial. Desde o início de sua atividade colocou duas metas a serem alcançadas: fazer ressurgir o hebraico como língua falada na terra dos antepassados, e juntar num dicionário os tesouros da língua na totalidade de seus períodos.

Tendo abandonado seus estudos de medicina em Paris, imigrou para Israel com sua jovem esposa. Junto a um grupo de amigos, em Jerusalém, começou a atuar efetivamente para a concretização de suas idéias. Escreveu artigos e livros pregando o novo assentamento em Israel, e a volta do hebraico como língua falada. Ampliou e difundiu a língua, e num trabalho incansável produziu o “Dicionário do Hebraico Novo e Antigo”, composto de 17 volumes sendo um deles “A Grande Introdução”.

A língua falada, está ligada ao povo na terra de seus antepassados. O hebraico tendo sido afastado de sua terra de origem e tendo deixado de ser uma língua falada estava defasado do desenvolvimento da humanidade em relação ao seu cotidiano como também em relação à ciência e à filosofia. Um grande trabalho portanto, teria que ser feito para atualizar o hebraico e torná-lo uma língua do cotidiano.

Não foi fácil a concretização do sonho de Ben Yehuda, ele teve muitos opositores que lutavam contra suas idéias de forma bastante agressiva. Como exemplo disso, instalou-se uma discussão nos anos 1912-1914 sobre o lugar que o idioma hebraico deveria ocupar no sistema de educação e seus diversos campos. A discussão culminou com “a guerra dos idiomas” na qual o hebraico saiu vitorioso.

Naquela época havia em Israel uma rede de escolas dirigidas por judeus alemães que restringia cada vez mais o lugar do hebraico em seu currículo, introduzindo em seu lugar o idioma alemão. Os dirigentes da escola técnica, situada ao lado de Haifa, a qual mais tarde transformou-se no “Technion” – a atual mundialmente respeitada Escola Politécnica – decidiram, em 1913, que não haveria uma língua oficial naquela entidade e que as aulas de ciências naturais seriam ministradas em alemão pois, era a mais cultural das línguas, e que portanto funcionaria como uma ponte para o desenvolvimento da ciência na nova era. E em atenção ao hebraico, haveria um compromisso de adaptar o alemão ao caráter judaico de tal escola.

Tal decisão suscitou uma grande revolta dos sionistas judeus em Israel e na dispersão. Surgiu um movimento muito grande de oposição, com a participação de toda a nação: professores, pais e alunos. A nação, em massa, se opunha à substituição do hebraico pelo alemão. O sindicato dos professores exigia que a língua hebraica fosse a língua de ensino para todas as ciências.

As reivindicações não foram atendidas e a luta tornou-se mais acirrada, culminando com a demissão dos opositores das instituições de ensino onde trabalhavam.

A luta passou a ser em função de proteção ao idioma hebraico e da instalação de escolas hebraicas. O sindicato sionista declarou que assumiria os assuntos de educação. Entrementes, a guerra mundial findou, com os amargos resultados para os alemães, e terminou também “a guerra das línguas”, sendo que nesta última o idioma hebraico saiu vitorioso.

Na verdade, esta “guerra de línguas” em certo aspecto foi útil, pois contribuiu para a difusão do hebraico, o qual passou a ser falado num âmbito muito maior. Falar hebraico tornava-se uma questão de “princípio”, e de “moda”, uma reação contra a imposição de uma outra língua.

Eliezer Ben Yehuda foi um dos primeiros a usar o método de “ensinar hebraico em hebraico” e foi um dos que introduziu o acento sefaradita, ou seja, a pronúncia oriental da língua hebraica que privilegia o acento tônico sobre as últimas sílabas, sendo que os judeus ocidentais privilegiavam o acento na penúltima sílaba.

Junto com seus amigos Ben Yehuda fundou a “Comissão da Língua Hebraica” que mais tarde transformou-se na “Academia da Língua Hebraica”. Esta comissão fixou termos básicos para a vida cotidiana, sua pronúncia, sua escrita e sua gramática. Estas inovações eram publicadas em seus jornais, livros e em seu dicionário.

Tais inovações faziam-se necessárias para suprir a falta de palavras básicas para a comunicação diária. Isto se deu de duas formas:

1. Criando novas palavras a partir de raízes consonantais existentes em hebraico e combinando-as com formas derivacionais.

2. Extraíndo palavras que apareciam na antiga fonte (Bíblia, Mishná) e atribuindo-lhes novos significados.

A primeira forma refere-se ao uso de sufixos e prefixos seguindo os paradigmas constitutivos da língua chamados de “mishkalim”. A segunda forma refere-se a diversos métodos de empréstimos: empréstimos semânticos, decalques, analogias entre as línguas e outros. O empréstimo, um dos mecanismos utilizados para ampliação de vocabulário, pode ser identificado desde as camadas mais antigas. Vejamos alguns empréstimos que vieram para o hebraico através de línguas antigas:

- BABILÔNICO: sal (melakh) – חלמ, galinha (tarnegolet) – לוגגרת
- ACÁDICO, através do aramaico: divórcio (guet) – טג, dote (nedunia) – הינודג
- ARAMAICO: meio – עצמא, fato – הדבוע
- PERSA: pomar (pardes) – סדרפ, arroz (órez) – זרוא, através do GREGO: açúcar (sukár) רכוס, através das línguas européias: engenharia (handassá) – הסדנה
- ÁRABE: (idade média) centro (mercaz) – זכרמ, damasco (mishmesh) – שימשימ; mesquita (misgad) – דגסמ gorjeta (bakshish) – שישקב
- TURCO: (através do árabe) selo (bul) – לוב, sabão (sabon) – יובס
- ROMÂNICO: (através do árabe) pneumático (tsmig) – גימצ, para-fuso (boreg) – גרוב, guarda-sol (shimshiyá) – הישמש

Podemos falar de vários tipos de empréstimos, há aqueles empréstimos semânticos que geram alteração apenas no significado de um item lexical já existente, como exemplo temos a palavra “estrela” – (kokhav) בכוכ a qual aparece na Bíblia e que assume o significado de pessoa proeminente cuja profissão está ligada ao teatro ou ao cinema. Tais empréstimos resultam numa polissemização de um item lexical existente, ou na substituição de um significado antigo por um novo. Há um movimento de ocidentalização semântica sem afetar porém, a estrutura da língua.

Há um outro tipo de empréstimo que é o empréstimo por tradução. Enquanto o anterior fica no nível do conteúdo este implica na criação de uma nova palavra, ou como mais freqüentemente de uma locução, por exemplo: jardim de infância (gan-yeladim) – **גינדי-יג**.

Outro método de modificação semântica é o da secularização de termos sagrados. Este método é habitual em sociedades que passam por uma transformação e passa de tradicional à moderna, por exemplo: sacrifício (korban) – **בזרק**, sacrificar-se por alguém (lehakriv) – **בזרקהל**.

A analogia de formação de línguas constitui um outro método de modificação semântica, por exemplo: máscara – masekhá – **הכסמ** esta palavra aparece no texto bíblico significando uma imagem modificada.

Academia da Língua Hebraica – Esta entidade foi fundada em 1953 dando continuidade ao trabalho iniciado pela “Comissão da Língua Hebraica”, fundada em 1889 por Eliezer Ben Yehuda e seus amigos. A função desta academia é direcionar o desenvolvimento da língua hebraica com base na pesquisa da mesma. Suas decisões são no âmbito da gramática, da escrita e da criação de novos termos. Esta Academia atua nas instituições educacionais e científicas, bem como governamentais.

O hebraico moderno, é composto por 4 camadas lingüísticas as quais convivem simultaneamente:

1 – PERÍODO BÍBLICO – base da língua falada atualmente – 2.000 A.C.

2 – PERÍODO MISHNAICO – Talmud/Mishna e Midrash – séc. VII D.C.

– basicamente a língua bíblica

– diferenças – elementos de coesão, sinonímia, língua popular falada desde o 2º Templo até o séc. II D.C.

– aramaico, grego e românico.

3 – PERÍODO MEDIEVAL – o hebraico vai para o exílio – final do séc. II D.C. até o séc. XIX

- literatura – poesia hebraica (piyut) – Espanha – Yehuda Halevi, Shlomo Guevirol e outros
- academias rabínicas – Maimônides

4 – PERÍODO CONTEMPORÂNEO – os últimos 200 anos – o hebraico reaparece com o movimento de volta ao lar judaico (depois de 1.700 anos)

– literatura do hebraico novo – antes do retorno ao lar.

– iluminismo – centro europeu – Alemanha, Áustria, leste europeu – Mendelsson (1729-86) – cultura hebraica – purismo lingüístico leva à reativação do hebraico falado – Mendale Mocher Sefarim (1835-1917), Echad Haam (1858-1922) Eliezer Ben Yehuda (1856-1927)

A maior parte do vocabulário usado no hebraico falado atualmente provém da camada bíblica, chegando a 2/3 o número destes vocábulos, sendo que o 1/3 restante divide-se entre as demais camadas.

Não podemos deixar de mencionar as modificações que o hebraico vem sofrendo frente a globalização. Assim como todos os idiomas falados, também o hebraico tornou-se um organismo vivo, aberto à inovações provenientes do desenvolvimento humano, bem como à influências de outros idiomas com os quais entra em contato, seja o inglês, idioma que penetra amplamente através da cultura americana, como o russo e vários outros idiomas levados para uma convivência íntima com hebraico através das constantes imigrações.

O hebraico modernamente sofreu algumas modificações, o que ocorreu também durante o período em que não foi usado como língua da comu-

nicação cotidiana, pois o idioma serviu para importantes atividades intelectuais. As construções singulares do hebraico bíblico mantiveram-se e o desenvolvimento lingüístico deste período não chegou a perturbar o antigo esplendor deste idioma. Podemos afirmar que o vocabulário utilizado atualmente no hebraico falado em Israel, é em número muito amplo, o bíblico. O lingüista Reuven Sivan, analisou um texto de 1948 “A Carta da Independência” e concluiu que 63% dos vocábulos utilizados são originários da literatura bíblica.

Através das ilustrações a seguir podemos ver a presença marcante da camada do período bíblico no hebraico chamado moderno, com as relativas adaptações para a realidade da vida atual.<sup>3</sup>

---

<sup>3</sup> Colaboração de Miriam Kleingezinds, aluna que do projeto de iniciação científica.









## BIBLIOGRAFIA

- BEREZIN, Rifka. *As Origens do Léxico do Hebraico Moderno*, Boletim n. 21, Nova Série, Departamento de Lingüística e Línguas Orientais n. 2, USP, São Paulo, 1980.
- NIR, Raphael. *Semantic Processes In The Adaptation of an Ancient Language to a Modern Society* – palestra proferida. The Hebrew University, Jerusalem.
- RABIN, Chaim (tradução de Berezin Rifka). *Pequena História da Língua Hebraica*. Summus ed. 1973.
- ROZEN, Haim. *Haivrit Shelanu*. Am Oved, Tel Aviv, 1956.
- SIVAN, Reuven. *Toldot Leshonenu*. Ed. Rubinstein, Jerusalém, 1979.

***Abstract:** Modern Hebrew as it is spoken in our days, has a peculiar history. This article is about the path of this idiom from ancient times until today. Jewish people for a long period had been out of his land and his language – Hebrew stoped to be used as their every day language. Hebrew was used only for religious, literary or commercial purposes. When Jews returned to their land, Hebrew reappeared, in special conditions, as the official language of the State of Israel. This language is based on the biblical Hebrew and it contains also the language of later periods, besides renewal and updantig made by by the Hebrew Language Academy.*

***Keywords:** Hebrew, Language and Culture.*